

Lua Zanella e o Som da Insurgência¹

Cledson Francisco Ferreira da Silva²
Fábio Ronaldo da Silva³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

O texto analisa a produção artística de pessoas trans, destacando como suas obras, embora potentes e politizadas, enfrentam dificuldades de visibilidade na mídia hegemônica. Nesse contexto, as plataformas digitais surgem como meios contra-hegemônicos de circulação e reconhecimento. Como estudo de caso, é examinada a trajetória da artista trans Lua Zanella, cuja produção musical articula identidade, resistência e sensibilidade estética. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com análise de conteúdo de duas de suas composições. Esse trabalho é resultado parcial de pesquisa realizada com apoio do Programa AFIRMATIVA UNEB.

PALAVRAS-CHAVE: Lua Zanella; visibilidade; contra-discurso; resistência.

INTRODUÇÃO

A arte constitui, historicamente, um campo de disputas simbólicas e políticas. Quem tem o direito à voz? Quem pode narrar suas próprias vivências? Quem define o que é legitimado como verdade? No contexto brasileiro — marcado por estruturas coloniais que privilegiam narrativas brancas, cisgêneras e masculinas —, artistas como Lua Zanella emergem como expressões potentes de resistência e reinvenção. Cantora, compositora, rapper, preta e travesti, Zanella desafia os discursos normativos e promove a ressignificação de identidades constantemente silenciadas pelo sistema. Sua obra estabelece diálogo com uma nova geração de artistas trans e negras, que vêm tensionando os limites da representatividade e consolidando suas presenças na cena musical brasileira.

Nesse cenário, a trajetória de Lua Zanella não pode ser compreendida apenas como um percurso individual, mas como parte de um movimento coletivo que tensiona os limites da visibilidade na indústria cultural. Suas composições, que articulam experiências corporais, afetivas e políticas, evidenciam como a música pode ser uma ferramenta de denúncia, afirmação e construção de memória. Ao cantar sobre travestilidades, negritudes

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email, email:ferreiracledzx@gmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo da UNEB, email: fabiosilva@uneb.br

e vivências dissidentes, Zanella inscreve sua existência em um espaço que historicamente lhe foi negado, reafirmando que a produção artística de pessoas trans e negras não é marginal — é central para compreender as dinâmicas de poder, exclusão e criação no Brasil contemporâneo.

Este trabalho objetivo analisa a trajetória da artista Lua Zanella, investigando suas influências, as estratégias estéticas que mobiliza em sua produção musical e de que forma suas letras e performances tensionam as estruturas normativas da sociedade. Além disso, busca-se compreender sua vinculação com mídias contra-hegemônicas, evidenciando o papel desses espaços na difusão de narrativas dissidentes.

Adotamos uma abordagem qualitativa, buscando compreender a produção artística de Lua Zanella a partir da escuta crítica de suas composições e da análise dos sentidos construídos em suas narrativas musicais e performances. Para isso, emprega-se a técnica de análise de conteúdo, conforme propõem Sampaio e Lycarião (2021), priorizando a identificação de padrões discursivos e estratégias simbólicas utilizadas pela artista.

TRANSFORMANDO NARRATIVAS

Lua Zanella, cantora, compositora, artista preta e travesti, nasceu em Belo Horizonte e passou sua infância no município de Contagem, região metropolitana da capital mineira. Sua trajetória musical teve início ao lado do irmão, Vinicius Moraes, e desde então vem sendo marcada por escolhas estéticas e políticas que se afastam dos padrões normativos da indústria fonográfica tradicional. Sua inserção no campo musical não se deu por vias convencionais do *mainstream*, mas por meio de espaços independentes e alternativos, nos quais há maior abertura para a expressão de discursos dissidentes.

Essa forma de marginalização artística, no entanto, não é aleatória. Está diretamente articulada a sistemas ideológicos que sustentam, justificam e naturalizam opressões estruturais. Como nos diz Collins (2022),

a existência das opressões interseccionais de raça, de gênero e de classe [...] só é possível até nos dias de hoje devido à existência de justificativas ideológicas poderosas que as reafirmam. Essas justificativas são transformadas em imagens de controle sobre o oprimido, para que, de alguma forma, essas opressões sejam apresentadas e reproduzidas pela sociedade sem que sejam problematizadas (Collins, 2022, p.266).

Nesse contexto, torna-se fundamental refletir sobre os mecanismos que limitam o acesso de artistas trans e negras aos meios de circulação e reconhecimento cultural. A ausência dessas corporalidades e narrativas nos espaços legitimados pela grande mídia não decorre de uma suposta falta de qualidade artística, mas da manutenção de um sistema que privilegia determinados corpos e discursos. Assim, as produções de artistas como Lua Zanella não apenas rompem com essa lógica, mas também reconfiguram o imaginário social ao propor outras formas de existir, sentir e criar. Suas obras tensionam as fronteiras entre o político e o estético, e nos convocam a repensar quem tem o direito de representar e ser representado na cena cultural brasileira.

Ser trans já é um desafio, mas ser trans, negra, periférica e brasileira, conseguindo estar viva, vai além do que muitas vezes é considerado uma situação difícil — é uma vitória por permanecer nos espaços que, por direito, pertencem a essas pessoas. A trajetória de artistas trans e negras na música é, portanto, marcada por desafios estruturais significativos, como o preconceito e a escassez de oportunidades. Embora tenha havido avanços na inserção de artistas negros, pardos e indígenas nas universidades e no cenário artístico, a representatividade permanece limitada e a dificuldade de acesso ao mercado musical persiste, alimentada por estigmas e discriminação.

A presença de artistas trans na mídia hegemônica é historicamente limitada e frequentemente marcada por estereótipos que reforçam a marginalização dessas identidades. De acordo com Pomar (2008), a mídia brasileira, consolidada durante a ditadura militar, permanece um “importante obstáculo à realização de reformas democráticas” e atua como um “instrumento de controle e legitimação de normas sociais que excluem, marginalizam e oprimem os corpos dissidentes” (Pomar, 2008, p. 80). Essa estrutura oligopolizada dificulta o acesso de artistas trans, em específico, aos meios de comunicação tradicionais, perpetuando sua invisibilidade e a reprodução de narrativas hegemônicas que não contemplam suas realidades.

Em resposta a essa exclusão, artistas trans têm utilizado a mídia contrahegemônica como ferramenta de resistência e afirmação. A mídia contra-hegemônica é entendida como “formas de comunicação e expressão que escapam ao controle das grandes corporações e que desafiam as convenções sociais dominantes, promovendo discursos subversivos e identidades marginalizadas” (Andrade; Nunes, 2021, p. 183). Plataformas digitais e redes sociais oferecem espaços onde esses artistas podem criar, compartilhar e

divulgar suas produções de forma autônoma, estabelecendo conexões diretas com públicos que compartilham suas experiências e reivindicam uma visibilidade que a mídia tradicional historicamente lhes nega.

Zanella mantém uma presença ativa em plataformas digitais como estratégia de visibilidade e afirmação. Com um canal no YouTube que reúne mais de 1,8 mil inscritos, ela utiliza essa ferramenta audiovisual para compartilhar suas canções, videocliques e performances, construindo um espaço próprio de circulação de sua arte. Além disso, está presente no Instagram, onde dialoga diretamente com seu público, e em plataformas de streaming de áudio, como Spotify e Deezer, expandindo o alcance de sua produção musical. Esses espaços digitais operam como alternativas à mídia hegemônica, que historicamente invisibiliza artistas trans, negras e periféricas. Ao ocupar essas plataformas, Lua não apenas rompe com os filtros seletivos da indústria cultural dominante, como também articula formas de resistência, construindo redes afetivas e políticas que valorizam a diversidade e a potência das subjetividades dissidentes.

HIPOCRISIA SOCIAL E INVISIBILIDADE TRANS

A canção *Capeta*⁴ expõe uma contradição estrutural presente nas relações sociais contemporâneas, onde o ódio à diversidade sexual coexiste com a atração por pessoas trans, evidenciando uma realidade paradoxal. A letra, ao afirmar: “Olha que coisa mais linda, / Olha que interessante, / Diz que odeia gays e tem um macho como amante, / Olha que coisa bonita, / Olha que coisa mais louca, / Diz que odeia as travestis e implora pra beijar minha boca”, denuncia a hipocrisia de uma sociedade que, enquanto repudia publicamente a diversidade, esconde o desejo que sente em relação àqueles que desafiam as normas de gênero e sexualidade. Zanella, ao destacar essa contradição, critica o silêncio e a negação dos afetos que fogem dos padrões heteronormativos, questionando o espaço limitado concedido à identidade trans na sociedade.

Para analisar essa contradição, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo proposta por Sampaio e Lycarião (2020), que permite investigar as camadas subjacentes das produções culturais e identificar as tensões entre discursos hegemônicos e

⁴ Lua Zanella, *Capeta*, 2020

subversivos. A análise revela que a letra de *Capeta* não apenas expõe a hipocrisia social, mas também desafia a imposição de normas de gênero e sexualidade. Através de uma abordagem crítica, Sampaio e Lycarião destacam que a análise de conteúdo permite compreender como as representações de identidade e desejo são moldadas e contestadas, refletindo o processo de resistência à estigmatização. Nesse contexto, a música de Lua Zanella se configura como uma forma de resistência à repressão dos sentimentos puros, denunciando as estruturas sociais que forçam a ocultação do desejo e do prazer em favor de uma moralidade pública e socialmente aceita.

Confrontar quem fere não é tarefa simples, especialmente quando os poucos aliados que oferecem suporte também são silenciados e apagados pelo mesmo sistema que violenta. A artista Lua Zanella, em sua canção *Eu Sou Deus*⁵, vocaliza essa experiência de exclusão e resistência a partir de sua vivência como mulher travesti e negra. Nos versos: “Eles perguntavam, é Adão ou Eva? / Criança perdida em um templo só de trevas / Havia um dilúvio dentro da minha mente, / a arca carregava alguém triste e carente”, a artista recorre a metáforas religiosas para denunciar o apagamento espiritual e existencial imposto às pessoas trans em espaços marcados pela moral cristã normativa. Ao transformar a linguagem da fé — que tantas vezes é usada para justificar a violência — em ferramenta poética de denúncia, Lua reivindica uma espiritualidade que não exclui, mas acolhe.

Essa contradição entre o discurso religioso e o amor cristão é aprofundada quando a artista canta: “O povo me cuspiu e me apedrejou, / Enquanto eles julgavam, a lua me abraçou”. Aqui, a lua — símbolo de acolhimento e força cíclica — torna-se metáfora da resistência e do amor-próprio. Essa narrativa de dor transformada em potência ecoa as reflexões de hooks (2020), que afirma que o amor é, antes de tudo, uma prática política, capaz de romper com os sistemas de dominação e curar feridas históricas. Da mesma forma, Moira (2018) nos lembra que ser travesti é também um ato de reivindicação de existência, em um mundo que insiste em negar a humanidade de corpos dissidentes.

⁵ Lua Zanella, *Dama de Paus*, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como artista preta, travesti e periférica, Lua Zanella rompe com os padrões normativos que estruturam a indústria cultural e a própria organização social brasileira. Ao adotar uma estética que valoriza sua identidade e sua história, Lua reposiciona subjetividades historicamente subalternizadas, construindo um lugar de fala que desafia o apagamento imposto às pessoas trans e negras. Essa articulação interseccional evidencia, como aponta Crenshaw (2000), que as opressões não operam de forma isolada, mas se sobrepõem e se entrelaçam, criando camadas complexas de exclusão e violência. Lua não apenas canta sua dor e resistência — ela denuncia as engrenagens racistas, transfóbicas e elitistas que limitam o acesso e a permanência de corpos dissidentes nos espaços de visibilidade. Sua arte é, portanto, um ato de insurgência que questiona as estruturas e afirma outras possibilidades de existência, mais livres e plurais.

Nos últimos anos, com o avanço de discursos moralistas e excludentes travestidos de valores religiosos, o espaço para a existência digna de pessoas trans, negras e periféricas se estreitou. Muitos foram empurrados para a margem por simplesmente reivindicarem o direito de existir. No entanto, em vez de sucumbir ao silenciamento, Lua escolheu resistir. Fez da arte sua morada e sua arma. Sua música emerge como um gesto poético-político que transborda a dor, transforma o silêncio em palavra e confronta a lógica excludente com beleza e coragem. Quando o sol foi obscurecido pelo preconceito, ela se voltou para a lua — símbolo de ciclos, reinvenção e resistência — e nela encontrou um caminho possível para brilhar. Sob sua luz, constrói pontes entre o íntimo e o coletivo, entre o trauma e a criação, fazendo da travessia sua própria forma de reinvenção.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I. R.; NUNES, M. V. Mídia Ninja e a comunicação contra-hegemônica.

Revista Alterjor, v. 24, n. 2, p. 182-198, 2021. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/alterjor/article/view/174818>. Acesso em: 23 abr. 2025.

CRENSHAW, K. Cartografias da interseccionalidade. In: HIRSCH, J. R.; HIRATA, H.; SEGATO, R. L. (org.). **Gênero: uma categoria útil à análise social**. São Paulo: Boitempo, 2020.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Trad. Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Elefante, 2020.

MOIRA, A. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2018.

POMAR, P. E. R. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. **Lutas Sociais**, n. 19/20, p. 80-93, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/lis.v0i19/20.18754>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.